

VEREDAS

Revista da Associação Internacional de Lusitanistas

VOLUME 8



PORTO ALEGRE
2007

A AIL – Associação Internacional de Lusitanistas tem por finalidade o fomento dos estudos de língua, literatura e cultura dos países de língua portuguesa. Organiza congressos trienais dos sócios e participantes interessados, bem como co-patrocina eventos científicos em escala local. Publica a revista *Veredas* e colabora com instituições nacionais e internacionais vinculadas à lusofonia. Sua sede se localiza na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, em Portugal, e seus órgãos diretivos são a Assembléia Geral dos sócios, um Conselho Diretivo e um Conselho Fiscal, com mandato de três anos. Seu patrimônio é formado pelas quotas dos associados e subsídios, doações e patrocínios de entidades nacionais ou estrangeiras, públicas, privadas ou cooperativas. Podem ser membros da AIL docentes universitários, pesquisadores e estudiosos aceitos pelo Conselho Diretivo e cuja admissão seja ratificada pela Assembléia Geral.

Conselho Diretivo

Presidente: Regina Zilberman, UFRGS
regina.zilberman@gmail.com

1º. Vice-Presidente: Carlos Reis, Univ. de Coimbra
c.a.reis@mail.telepac.pt

2º. Vice-Presidente: Elias Torres Feijó, Univ. de Santiago de Compostela
fgtorres@usc.es

Secretária-Geral: Maria da Glória Bordini, UFRGS
mgbordini@portoweb.com.br

Vogais: Ana Mafalda Leite (Univ. Nova de Lisboa); Benjamin Abdala Junior (Univ. São Paulo); Cristina Robalo Cordeiro (Univ. Coimbra); Ettore Finazzi-Agrò (Univ. Roma, La Sapienza); Fátima Celeste Ribeiro (Contacto, Serviços de Línguas, Lda); Helena Rebelo (Univ. da Madeira) M. Carmen Villarino Pardo (Univ. Santiago de Compostela); Sebastião Tavares de Pinho (Univ. Coimbra); Rolf Nagel (Univ. Duisburg); Teresa Cristina Cerdeira da Silva (Univ. Fed. do Rio de Janeiro).

Conselho Fiscal

Fátima Viegas Brauer-Figueiredo (Univ. Hamburgo); Laura Calcavante Padilha (Univ. Fed. Fluminense); Thomas Earle (Univ. Oxford)

Associe-se pela *homepage* da AIL:

www.lusitanistasail.net

Informações pelos *e-mails*:

lusitanistasail@terra.com.br; ailusit@ci.uc.pt

Veredas

Revista de publicação anual

Volume 8 – Agosto de 2007

Diretor:

Regina Zilberman

Diretor Executivo:

Benjamin Abdala Junior

Conselho Redatorial:

Aníbal Pinto de Castro, Axel Schönberger, Claudio Guillén, Cleonice Berardinelli, Fernando Gil, Francisco Bethencourt, Helder Macedo, J. Romero de Magalhães, Jorge Couto, Maria Alzira Seixo, Marie-Hélène Piwnick, Ria Lemaire. *Por inerência:* Ana Mafalda Leite; Carlos Reis; Cristina Robalo Cordeiro; Elias Torres Feijó; Ettore Finazzi-Agrò; Fátima Celeste Ribeiro; Fátima Viegas Brauer-Figueiredo; Helena Rebelo; Laura Calcavante Padilha; M. Carmen Villarino Pardo; Maria da Glória Bordini; Rolf Nagel; Sebastião Tavares de Pinho; Teresa Cristina Cerdeira da Silva; Thomas Earle

Redação:

VEREDAS: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas

Endereço eletrônico: ailusit@ci.uc.pt

Realização:

Coordenação: Luiz Fagundes Duarte

Revisão: Tania Regina Ortiz Vernet

Capa: Atelier Henrique Cayatte – Lisboa, Portugal

Impressão e acabamento:

Evangraf, Porto Alegre, Brasil

ISSN 0874-5102

AS ATIVIDADES DA ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE LUSITANISTAS
TÊM O APOIO REGULAR DO INSTITUTO CAMÕES

SUMÁRIO

EDITORIAL	09
-----------------	----

LUIZ FAGUNDES DUARTE	
Tempo de perguntar	11

TEORIA E CRÍTICA DA CRÍTICA

ALMUTH GRESILLON	
La critique génétique: origines, méthodes, théories, espaces, frontières	31

GIUSEPPE TAVANI	
O texto medieval e as suas “misérias e desventuras”	46

VANDA ANASTÁCIO	
Quando o papel interfere com a escrita: reflexões sobre alguns autógrafos do Segundo Marquês de Alorna	75

JOÃO DIONÍSIO	
<i>Criticus fit</i>	104

CRÍTICA E LINGUÍSTICA

HEITOR MEGALE, SÍLVIO DE ALMEIDA TOLEDO NETO, PHABLO ROBERTO MARCHIS FACHIN, RENATA FERREIRA COSTA, VANESSA MARTINS DO MONTE	
Crítica textual: análise grafemática e pesquisa lingüística	127

LUÍS PRISTA	
Um manuscrito de João Félix Pereira: a <i>Carta</i> sobre a Reforma Ortográfica de Barbosa Leão	147

CRÍTICA E EDIÇÃO / AUTORES

Editar Cláudio Manuel da Costa e Tomás Antônio Gonzaga: um diálogo possível

MELÂNIA SILVA DE AGUIAR

Universidade Federal de Minas Gerais
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Ler os textos literários do período colonial brasileiro em edições correntes pode significar a incursão numa floresta de equívocos. Já não se falando das questões mal resolvidas de autoria relativas a várias composições desta fase, a aguardar estudos mais minuciosos das fontes, os textos impressos não são, quase sempre, mais do que a reprodução de edições antigas, feitas sem o necessário rigor e, principalmente, sem a preocupação com o cotejo entre os melhores e mais confiáveis códices. Mesmo sabendo das imensas perdas de manuscritos sofridas no período, quer pela ação da censura, quer pela incúria com que foram armazenados estes documentos, sujeitos que estiveram a toda sorte de danos, a caça a estas fontes primeiras, ainda que supostamente destinada ao fracasso, é o primeiro desafio que se impõe ao editor de obras do período colonial, para ficar apenas na produção literária de tempos mais antigos.

Ao longo da formação de Minas Gerais, a partir da descoberta do ouro, em fins do século XVII, e das pedras preciosas, em inícios do XVIII, com o surgimento de núcleos populacionais e de uma vida urbana incipiente, a circulação de manuscritos foi crescente. Já na segunda metade do setecentos, estando proibida a existência de casas impressoras, muitos poemas manuscritos se difundiram de um espaço a outro, passando de privados a públicos, graças à ação de copistas nem sempre preparados para este mister.

Desta fase, a década de 1780 ficará registrada na história da literatura brasileira e dos sucessos políticos do país, mais especificamente de Minas Gerais, como um dos períodos, ao mesmo tempo, mais ricos e mais dramáticos de nosso passado. Por uma feliz ou infeliz coincidência, aproximam-se nesses anos de 80, em terras mineiras, três dos poetas que realizaram a obra literária de maior significado no cenário brasileiro da época, obra madura a atestar uma vitalidade artística, visível em vilas e povoados mineiros, tanto na pintura, quanto na arquitetura, na imaginária, na produção musical, etc. Em Vila Rica, conviveram como amigos e intelectuais, e souberam trocar uns com os outros sua experiência, no campo da poesia e da política, os poetas Cláudio Manuel da Costa, Tomás Antônio Gonzaga e Inácio José de Alvarenga Peixoto.

Bons leitores de obras condenadas à época por veicularem as modernas e “perigosas” idéias dos iluministas europeus, estariam também próximos na desdita, tendo em comum o fim trágico, acusados que foram de conspirar, em tempos de repressão, contra a Coroa Portuguesa, já no apagar dos anos de 1780. A acusação lhes valeu o epíteto de “inconfidentes”, ou traidores, a eles atribuído pelo poder da época e perpetuado pelos anos afora, já vazio do sentido original.

De Cláudio, ou Glauceste Satúrnio, sabe-se que foi advogado famoso, poeta consagrado, secretário de governo e dono de lavras e terras. Suspeito de traição à Coroa, como seus colegas de poesia e de ideal, foi preso, já aos sessenta anos, em Vila Rica, e encerrado num dos segredos da Casa dos Contratos. Dois dias depois de um depoimento visto pela posteridade como desastrado, por incriminar, ao se defender, outros acusados, foi encontrado morto em sua cela. Suicídio ou assassinato? Um enigma a mais dentre os tantos que povoam esta fase da história de Minas Gerais.

Gonzaga, natural do Porto, escreveu ainda em Portugal, antes de sua chegada a Minas, em 1782, alguns poucos poemas líricos, esparsos, e um *Tratado de Direito Natural*, com que pretendia concorrer para professor na Universidade de Coimbra. Sua obra mais importante, *Marília de Dirceu*, seria escrita já no Brasil, tendo como fonte principal de inspiração a jovem Maria Dorotéia Joaquina de Seixas Brandão, ou Marília, de que se fez noivo em Vila Rica, no período em que aí esteve como ouvidor.

Da obra poética de Inácio José de Alvarenga Peixoto, natural do Rio de Janeiro e, como seus companheiros de poesia, egresso da Universidade de Coimbra, muito pouco restou. Seguramente produziu bem mais do que a posteridade viria a conhecer (33 poemas); a julgar pelo domínio e maturidade da expressão, não devia ficar em plano inferior a seus companheiros. Casado com Bárbara Eliodora, a ela dedicou um de seus mais belos poemas, escrito na prisão, no Rio de Janeiro; aí o sofrimento e as saudades da mulher e da filha dão o tom a uma composição lírica de rara felicidade.

Destes poetas eminentemente líricos do Arcadismo, que viveram em Minas Gerais na segunda metade do século XVIII, Cláudio Manuel é o mais velho e literariamente o mais experiente, funcionando para os outros dois como uma espécie de conselheiro em matéria de poesia. Quando Gonzaga e Alvarenga chegam a Minas, em inícios de 80, Cláudio, o mais velho dos três, já é autor de obra publicada e reconhecida em Portugal, sendo a mais importante seu livro *Obras*, de 1768, marco introdutório do Arcadismo no Brasil. Muitas de suas composições posteriores só viriam a circular localmente, em manuscritos, de cópia em cópia.

Editar a obra de um destes poetas a partir da pesquisa rigorosa das fontes disponíveis significa esbarrar em composições atribuídas ao mesmo tempo a um e a outro, sem fronteiras muito definidas de autoria, o que dificulta sobremodo, na fase da recensão, a definição do *corpus* a ser publicado. No entanto, é este paciente trabalho de comparação das fontes e das circunstâncias que as envolvem que pode levar o editor a conclusões mais confiáveis quanto a seu material de trabalho.

Meu interesse em empreender uma edição crítica da obra poética de Cláudio Manuel da Costa surgiu primeiramente do estímulo de um velho mestre, o ilustre filólogo português Manuel Rodrigues Lapa. Saindo de Portugal durante o regime salazarista, estive em Minas Gerais no início da década de 60, ensinando literatura e divulgando sua produtiva pesquisa sobre o setecentos mineiro¹. Mas meu empenho em realizar esta edição nasceu mesmo de uma necessidade pessoal. Quando da reunião do material para a elaboração de minha tese de Doutorado – *O jogo de oposições na poesia de Cláudio Manuel da Costa* (Faculdade de Letras da UFMG, 1973), percebi as imensas lacunas relativas ao que deveria ser a poesia completa de Cláudio. Até bem pouco tempo, como se sabe, a edição mais completa e corrente da obra do poeta mineiro era a de João Ribeiro, datada de 1903, e publicada em dois volumes pela Editora Garnier, sob o título *Obras poéticas de Cláudio Manuel da Costa*. Nela vinham as *Obras*, de 1768, livro escrito ao que tudo indica parte em Minas, parte em Portugal; o poema *Vila Rica*, concebido na maturidade, já estando o poeta de volta a Minas, após cinco anos de estudos de Cânones na Universidade de Coimbra; e algumas outras composições recolhidas esparsamente por João Ribeiro. Depois desta edição, apareceram em revistas especializadas e pouco difundidas alguns acréscimos à obra conhecida de Glauceste Satúrnio. Quando da procura em arquivos e bibliotecas de textos esparsos do poeta, ainda em Belo Horizonte, surpreendi-me com o desconhecimento, em geral, mesmo nos meios acadêmicos, de alguns destes textos por nós localizados. A *Revista de Filologia Portuguesa*,² por exemplo, publicou em 1925, por iniciativa de Antonio Baião, cinco sonetos de Cláudio presentes no manuscrito das *Obras*, existente na Torre do Tombo (cód. 2113), sonetos estes riscados no mesmo manuscrito e omitidos na primeira edição, de 1768. Rodrigues Lapa, por sua vez, deu a conhecer na Revista *Anhembi*,³ em 1952, três outros sonetos inéditos deste manuscrito, também eles riscados no ori-

¹ Data de 1957 a edição crítica de Rodrigues Lapa, em dois volumes, publicada pelo Ministério da Educação e Cultura / Instituto Nacional do Livro: o primeiro com *Poesias e Cartas Chilenas*; o segundo com o *Tratado de Direito Natural*, a *Carta sobre a Usura*, *Minutas*, *Correspondência e Documentos*. É de 1960 a publicação de *Vida e obra de Alvarenga Peixoto*, também pelo MEC / INL.

² *Revista de Filologia Portuguesa*, São Paulo, n. 18, ano 2, jun. 1925.

³ *Anhembi*, São Paulo, v. 8, n. 23, ano 2, out. 1952.

ginal. A razão da supressão destes poemas, visivelmente descartados no manuscrito submetido à Mesa Censória, não é clara. Lapa aventa hipóteses de ordem moral para um destes sonetos, mas nada pode ser afirmado. O que nos ocorre é uma razão mais propriamente numérica, a que se poderia acrescentar outras, secundárias: os sonetos publicados são em número de 100, um número redondo, sugestivo; no manuscrito, os sonetos, em seqüência, são em número de 108. Teriam sido os oito riscados pelos censores ou por alguém encarregado por Cláudio de acompanhar a edição em Portugal? Acho que nunca saberemos ao certo.

Por outro lado, Rodrigues Lapa chamava a atenção de seus alunos para a riqueza dos arquivos portugueses relativamente a manuscritos e publicações raras de autores brasileiros do setecentos. Nessa época reuniu um grupo de alunos para, sob sua coordenação, colaborarem numa edição crítica do poema *Vila Rica*. Dava então Lapa notícia de um manuscrito do poema, existente na Biblioteca Nacional de Lisboa, e que teria pertencido a D. Rodrigo José de Meneses, o Conde de Cavaleiros, governador de Minas Gerais entre os anos de 1780 e 1783, a quem os poetas de Minas foram especialmente devotados. Segundo Lapa, este manuscrito encerrava versos inéditos do poema *Vila Rica*, os quais, em sua opinião foram omitidos da primeira edição do poema, que é de 1839, por serem, na visão da época em que foram escritos, ideologicamente revolucionários, subversivos. Ora, o *Vila Rica*, que foi concluído em 1773, conforme consta dos vários manuscritos por nós localizados posteriormente,⁴ teve edição póstuma; Cláudio não chegou a publicá-lo e, certamente, teve boas razões para não o fazer. Se as obras da mocidade eram inofensivas no quadro ingênuo do entorno arcádico, o poema *Vila Rica* é obra de maior maturidade, revelando uma consciência mais aguda dos problemas vividos pela capitania. E se o louvor aos desbravadores portugueses / paulistas acontece no poema, o trecho omitido é um hino à liberdade dos povos, à não obediência a um cetro, o que já antecipa as posições do inconfidente. Este discurso, apesar de posto na boca de um anti-herói, Frei Francisco

⁴ Os manuscritos do *Vila Rica* a que tivemos acesso pertencem: à Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (5); ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, no Rio de Janeiro (2); ao Arquivo Público Mineiro, de Belo Horizonte (1); à Biblioteca de Sainte Geneviève, em Paris (1); à Biblioteca Nacional de Lisboa (1).

de Meneses, soa firme, convincente; talvez por isso tenha sido expurgado dos versos comprometedores (pelo próprio Cláudio?) nos manuscritos apócrifos que passaram a circular, sendo um deles a fonte das edições que se seguiram.

Não eram, entretanto, apenas os poemas rasurados das *Obras* e os versos inéditos do poema *Vila Rica* que traziam à tona todas as questões relativas à obra de Cláudio Manuel da Costa. Em 1931, Caio de Melo Franco deu a conhecer, em edição, um manuscrito adquirido por ele em Paris, contendo uma peça (ou *drama*), de Cláudio Manuel da Costa, intitulada *O Parnaso obsequioso*, seguida de um conjunto de poemas, intitulado *Obras poéticas*, datadas as duas obras de 1768.⁵ Este manuscrito teria sido levado para Paris e pertencido ao poeta José Maria Herédia. O fato ilustra bem a dispersão a que estiveram sujeitos nossos manuscritos. Tive a oportunidade de examinar este códice em Belo Horizonte, no IEPHA (Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais), onde andava esquecido. Posteriormente foi encaminhado à biblioteca da Casa do Pilar, do Museu da Inconfidência, de Ouro Preto. Quando tive acesso ao manuscrito, a edição da obra de Cláudio Manuel da Costa por mim preparada, com a colaboração de bolsistas, para a Editora Nova Aguilar, já estava publicada.⁶ Na verdade, a edição de Caio de Melo Franco, que nos serviu de base, não apresenta discrepâncias relevantes em relação ao manuscrito de Paris, o que de certo modo nos tranqüilizou quanto aos resultados obtidos.

Além das obras editadas e conhecidas, Cláudio escreveu, nos tempos de estudante em Coimbra, antes de voltar para Minas Gerais, vários poemas encomiásticos e peças teatrais, e disso ele dá notícia precisa nos “Apontamentos” enviados à Academia Brasílica dos Renascidos, da Bahia, que o havia convidado para sócio extra-numerário.⁷ Estas composições estavam contudo desaparecidas,

⁵ Trata-se de *O inconfidente Cláudio Manuel da Costa*. Rio de Janeiro: Schmidt, 1931.

⁶ Refiro-me à edição de PROENÇA FILHO, Domício. (Org.). *A poesia dos inconfidentes: poesia completa de Cláudio Manuel da Costa*, Tomás Antônio Gonzaga e Alvarenga Peixoto. Artigos, ensaios e notas de Melânia Silva de Aguiar [et al.]. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996.

⁷ Nos “Apontamentos”, Cláudio dá o nome das muitas composições por ele escritas nos cinco anos em que esteve como estudante em Coimbra. Alberto Lamego publicou estes “Apontamentos” em *Autobiografia e inéditos de Cláudio Manuel da Costa*. Paris: Bruxelles, s.d.

possivelmente em algum arquivo português. Em suas pesquisas na Biblioteca da Universidade de Coimbra, Rodrigues Lapa, já em seu retorno de Minas a Portugal, localizou destes poemas dois opúsculos, o “Culto métrico” e o “Munúsculo métrico”, ambos poemas de louvor, um a D. Francisco da Anunciação, Reitor da Universidade de Coimbra, outro a uma Abadessa do Mosteiro de Figueiró. Lapa generosamente me enviou este precioso achado, para figurar como Apêndice de minha tese de Doutorado, dando-me assim a chance de estampar pela primeira vez estes poemas completamente desconhecidos: o “Culto”, editado em 1749, e o “Munúsculo”, em 1751.

Pode-se, pois, perceber três fases bem demarcadas na produção literária de Cláudio Manuel da Costa, se se levar em conta a cronologia e, ainda, o desdobramento de uma poética e de uma ideologia: a primeira, constituída dos poemas escritos em Coimbra, bem nos moldes barrocos, e dirigidas quase sempre a figuras religiosas com que o poeta conviveu na Universidade; a segunda, constituída das *Obras*, onde fica patente o conflito do poeta, dividido entre duas orientações estéticas e dois tipos de apelo, o da Arcádia ideal e o da terra de origem, com sua natureza e ambiência cultural distintas; e a terceira, feita de poemas escritos em 1768 ou após, alguns deles em homenagem ao Conde de Valadares, governador recém-chegado a Minas, aí incluídas as composições de *Obras poéticas*, recitadas em palácio, em 1768, na posse do governador, e o drama *O Parnaso obsequioso*, representado em dezembro do mesmo ano, no dia do aniversário do Conde. Pode-se perceber aqui a mudança de rumos do poeta em relação a sua matéria de poesia, de que o poema *Vila Rica*, de publicação póstuma, daria claro testemunho: ao cantar sem reserva a fundação de Vila Rica e as origens da capitania, Cláudio dá indícios, nessa fase final, de um envolvimento mais estreito com as raízes e, concomitantemente, de uma preocupação possivelmente menos estética e mais ideológica com a fatura de seus versos.

Os blocos de poemas de que tratamos mais acima, isto é, os sonetos rasurados no manuscrito da Torre do Tombo e omitidos na edição das *Obras*; os versos inéditos do *Vila Rica*, presentes no manuscrito oferecido ao Conde de Cavaleiros e mantidos no recolhimento da Divisão de Reservados da Biblioteca Nacional de Lisboa;

o drama *O Parnaso obsequioso* e as *Obras poéticas*, revelados por Caio de Melo Franco; os opúsculos encomiásticos escritos na mocidade e localizados por Lapa em Coimbra já seriam estímulos suficientes para a realização de uma edição crítica e mais completa da obra de Cláudio Manuel da Costa, a partir da reunião do material conhecido e do disperso ou inédito, projeto por algum tempo adiado para melhor oportunidade e certamente mais árduo e problemático do que poderíamos inicialmente supor. Isto porque, além destas obras, a localização de outros testemunhos de composições avulsas e, sobretudo, de um códice da Biblioteca Nacional de Lisboa, a que se chamou de *Manual de obras* (cód. 11.438), atribuído a um C.M.C., com alguns poemas sabidamente de Cláudio, por figurarem em outras fontes de sua obra, e com outros, apenas supostamente da lavra do poeta de Minas Gerais, levantaria mais questões para a fase de reensão de sua obra. Sobre este códice, damos adiante mais notícias.

Voltando aos cortes, voluntários ou não, verificados na obra do poeta de Vila Rica, é de se ressaltar que não só os textos que deixam ver ou entrever suas posturas político-ideológicas têm sofrido adulterações ou omissões. “Aquele que enfermou de desgraçado”, como às vezes, a partir de um de seus versos, o poeta é lembrado, sofreu ainda saques em outras porções de sua obra, conforme mostramos a seguir. Refiro-me aqui particularmente a um grupo de poemas cuja autoria tem sido problematizada por estudiosos do setecentos mineiro, como Manuel Bandeira, Sud Menucci, Rodrigues Lapa. Trata-se de seis poemas que figuram na terceira parte das edições de *Marília de Dirceu*, de Tomás Antônio Gonzaga; destes seis, três, pelo menos, são de Cláudio Manuel da Costa, como atestam algumas das fontes manuscritas por nós compulsadas no Brasil e em Portugal. Sem dúvida, houve uma inclusão equivocada (se não tendenciosa), destes poemas na obra de Gonzaga, visando esta atribuição de autoria, sobretudo, ao interesse comercial das primeiras casas editoras do livro. Gonzaga, já falecido em Moçambique na época da publicação desta “nova” terceira parte (1812), que substituiu uma anterior supostamente falsa, certamente não teve responsabilidade alguma na fase preparatória desta porção de sua festejada obra.

Na verdade, o famoso livro de Tomás Antônio Gonzaga, constituído de três partes, inicialmente não foi publicado na íntegra. A primeira parte foi editada em 1792, em Lisboa, contendo poemas escritos sobretudo em Vila Rica, nos tempos felizes em que o ouvindo quarentão se preparava para as bodas com Maria Dorotéia, ou Marília, pseudônimo que dá título ao livro. Na época da publicação, Gonzaga, que, segundo consta, teria enviado, ainda de Vila Rica, os originais desta primeira parte a Lisboa, aguardava julgamento, na prisão da Ilha das Cobras, no Rio de Janeiro, enredado que estava nos episódios da Conjuração Mineira. A segunda parte, certamente a mais densa, contendo poemas escritos na prisão, em que a humilhação do momento juntamente com a lembrança dos tempos felizes com Marília assumem tons de alta emoção poética, somente saiu sete anos depois da primeira, portanto em 1799, estando o Poeta já no exílio em Moçambique. Esta segunda parte teve sucesso estrondoso, o que explica o ânimo dos editores em lançar logo no ano seguinte uma terceira parte, saída, pois, em 1800. A terceira parte desta edição de 1800, com poemas de datação imprecisa em sua maioria, era falsa, conforme se comprovou pouco mais tarde, entre outras coisas pela má qualidade dos poemas. Uma nova edição, em 1812, agora da Impressão Régia de Lisboa, saída logo depois da edição de 1811 da Lacerdina (que já questionava as edições anteriores), lançaria uma outra terceira parte, agora, sim, tida como autêntica e baseada, supostamente, em fontes fidedignas. As edições posteriores só foram repetindo esta edição de 1812, que parecia de fato digna de fé. Isto, há quase duzentos anos é assim. Mas algumas dúvidas foram se instalando com relação a alguns poemas desta parte.

Rodrigues Lapa, em sua edição de *Marília de Dirceu*, de 1957 (MEC / INL), na dúvida sobre a autoria de algumas composições desta terceira parte, colocou em Apêndice quatro destes poemas e, com observações sobretudo de ordem estilística, excluiu dois deles de sua edição, dizendo que deveriam ser mesmo de Cláudio. Os quatro poemas postos em Apêndice são: “Dês que vi, formosa Elvira”, “Ergue-te, ó pedra, e desde a margem fria”, “Sombras ilustres dos varões famosos”, “Já vou tocando, ó Lício”. Os dois poemas excluídos são “As moles asas a bater começa” e a ode dirigida a Luís Beltrão de Gouveia, “Se entre as louras areias”.

De fato, dois destes poemas presentes em *Marília de Dirceu* figuram também entre as obras de Cláudio no segundo volume da edição de 1903, de João Ribeiro, no conjunto final a que ele dá o nome de Poesias Inéditas e que tem por base a publicação de Ramiz Galvão,⁸ fundamentada por sua vez, segundo afirma este último, em um manuscrito do Clube Literário de Mariana. Trata-se dos sonetos “As moles asas a bater começa” e “Sombras ilustres dos varões famosos”. Esta coincidência de autorias suscitou entre os estudiosos a dúvida quanto à verdadeira origem autoral, destes e de outros poemas, levando a conclusões, sobretudo de ordem estilística, a favor de Cláudio Manuel da Costa. Outras fontes por nós examinadas viam fundamentar ainda mais as suspeitas de Lapa quanto ao assunto, sobretudo no que se refere ao soneto “As moles asas a bater começa” e à ode “Já vou tocando, ó Lício”. O soneto, além de figurar no manuscrito de Mariana (e a esse conjunto demos o nome de *Poesias manuscritas*, na edição da Nova Aguilar de 1996),⁹ divulgado pela primeira vez, como vimos, por Ramiz Galvão na *Revista Brasileira*, em 1895, encontra-se ainda atribuído a Cláudio no códice intitulado “Coleção de sonetos sérios, que se não acham impressos, extraídos dos manuscritos antigos e modernos” (cód. 8.610), datado de 1786, que pude examinar na Biblioteca Nacional de Lisboa.

Quanto à ode “Já vou tocando, ó Lício, / De lustros dez o fatigado termo”, inspirada no “Sonho de Cipião”, de Cícero, também presente na terceira parte de *Marília de Dirceu*, vamos encontrá-la no *Manual de obras*, códice da Biblioteca Nacional de Lisboa, acima referido, com as iniciais C.M.C.. Atente-se aqui para o fato de que muito mais do que a Gonzaga é familiar a Cláudio o tom elevado e sereno do poema, encontrado também em composições das *Poesias manuscritas*, feitas, como esta ode, numa fase madura, no “fatigado termo”, ou na velhice.

Observe-se então o problema que se coloca: de um lado, a favor de Gonzaga, a tradição e o sucesso de *Marília de Dirceu*, com edições sucessivas; de outro, a favor de Cláudio, no caso dos sone-

⁸ Veja-se a *Revista Brasileira*, Rio e São Paulo, tomos 2 e 3, 1895.

⁹ O “título” completo desse manuscrito, localizado em arquivo particular em Belo Horizonte (Família Muzzi), de que aproveitamos o incipit, é: *Poesia manuscritas de Cláudio Manuel da Costa, oferecidas ao Clube Literário do mesmo nome de Mariana pelo Dr. Joaquim Vieira de Andrade. Contém cinquenta e uma folhas, e vai marcado com o carimbo do Clube.*

tos “As moles asas a bater começa” e “Sombras ilustres dos varões famosos”, sua presença em manuscrito pouco conhecido, atribuído ao poeta mineiro, manuscrito este originário de Mariana, sua terra natal, e, ainda, no caso do primeiro soneto, o códice português de 1786, “Coleção de sonetos sérios, que se não acham impressos, extraídos de manuscritos antigos e modernos”. É de ressaltar que este último códice, sendo de 1786, é anterior à Inconfidência Mineira e à prisão de Cláudio, que se deu em 1789. Certamente para figurar nesta coletânea o soneto foi extraído de um manuscrito considerado moderno à época, portanto contemporâneo de Cláudio. Difícil, pois, imaginar ser de outra autoria que não a do poeta mineiro, estando ele ainda vivo. No caso da ode, sua presença no *Manual de obras*, livro manuscrito adquirido em leilão, em 1979, pela Biblioteca Nacional de Lisboa, viria reforçar as suposições anteriores.

De tudo isso conclui-se que pesquisar simultaneamente as fontes textuais de poetas contemporâneos deste período tem as suas vantagens, pois permite estabelecer com maior precisão a autoria de composições que possam figurar em autores diferentes. Estas informações, só obtidas a partir da preparação da edição da obra de Cláudio Manuel da Costa e, portanto, posteriores à fase dos trabalhos por mim feitos com vistas à edição do bicentenário de *Marília de Dirceu* (Rio: Garnier; Belo Horizonte: Vila Rica, 1992), impõem critérios novos para futuras edições do livro de Gonzaga.¹⁰ Também uma nova edição da obra de Cláudio, com um aparato crítico mais completo e minucioso, sobretudo destinado a um público leitor especializado, está presente em nossas pesquisas e objetivos atuais.

Merece comentário especial o *Manual de obras*, obra com título que evidentemente não corresponde ao título original, desconhecido, se é que este códice chegou a ter um. Trata-se de um belo livro manuscrito de 214 páginas, encadernado em pele “gravada com ferros secos”. Na folha de rosto pode-se ler: “Poesia de Cláudio Manuel da Costa e traduções suas de poemas de Alexandre Pope e de Edward Young”. De fato, no final da maioria dos poemas figuram as iniciais *C.M.C.*, e no índice, disposto no final do livro, consta a letra *C* também para a maioria dos poemas, exceção feita

¹⁰ Recentemente, Sérgio Pachá publicou pela Academia Brasileira de Letras, uma edição bem cuidada de *Marília de Dirceu*, onde leva parcialmente em conta as sugestões de Lapa.

aos seis últimos. Do exame deste manuscrito, pode-se avançar algumas suposições: o livro teria sido transcrito por algum interessado em literatura, do século XIX (consta na página de rosto entre colchetes a indicação de data [entre 17– e 18–]), a partir de um ou mais códices atribuídos a *C.M.C.* (ou Cláudio Manuel da Costa) e, em menor escala, no final, a partir de outros códices. Tudo indica ser a parte final deste livro, a partir da p.103, excrescente, acrescentada sem muito critério, podendo-se supor que com o soneto “Instrução a um filho”, atribuído em outro manuscrito ao poeta português Francisco de Brito Freire, comece outra autoria, encerrando-se aí a do tal *C.M.C.* ou *C.*, da primeira parte. O caráter moralista das composições e o tom de exortação às virtudes que as perpassa parecem ser o motivo da reunião neste livro de autorias diferentes, se bem predomine a de *C.M.C.* A favor de Cláudio Manuel da Costa falam sintagmas, vocábulos, estruturas métricas recorrentes aqui e em outras passagens de sua obra conhecida, além de pontos de aproximação claros com o manuscrito aqui já referido, que pertenceu ao Clube Literário Cláudio Manuel da Costa, de Mariana, e que denominamos, como já explicitado, *Poesias manuscritas*. O que sobretudo fortalece a tese da autoria de Cláudio quanto à parte inicial do *Manual de obras* é a presença de um poema intitulado “Junto à urna de Alexandre Magno”, publicado com o título “Ao sepulcro de Alexandre Magno”, por João Ribeiro, em sua edição de 1903, baseado num códice português de 1810, *Coleção de poesias inéditas*. A coincidência de indicação de uma mesma autoria em códices antigos diversos, sua presença em determinado conjunto sabida ou supostamente do autor e a filiação estilística são dados que, em conjunto, têm seu peso e seu significado, na atribuição de autoria, confirmando suspeitas. Estou, pois, convencida de que o *Manual de obras*, pelo menos em sua maior parte, é mesmo da fase madura de Cláudio Manuel da Costa, posterior ao *Vila Rica*, e próximo dos poemas que integram as *Poesias manuscritas*, de que falamos.

Poderíamos trazer ainda, na tentativa de esgotar o assunto, outras fontes da obra de Cláudio Manuel da Costa, mas o assunto é por demais vasto. Lembramos aqui, como sinal da ativa faina literária do poeta de Vila Rica, a tradução e adaptação dos dramas de Metastásio, *Comédia do mais heróico segredo* – *Artaxerxe* e *Ópera*

de *Demofoonte em Trácia*. Descobertas por Tarquínio de Oliveira no Arquivo de Música da Cúria Metropolitana de Mariana, estas peças foram publicadas, respectivamente, nos números VII (1984) e VIII (1990) do *Anuário do Museu da Inconfidência*, de Ouro Preto.

Os critérios adotados no preparo e organização das edições da poesia de Cláudio Manuel da Costa e de Tomás Antônio Gonzaga foram praticamente os mesmos: a ortografia foi atualizada, sem prejuízo para a pronúncia da época; optou-se, no entanto, no caso de pronúncia duvidosa, alternada, pela mais moderna. O uso das iniciais maiúsculas foi respeitado de modo geral, apenas sendo contrariado nos casos em que, havendo ocorrências distintas para o mesmo vocábulo, sem motivo aparente, pareceu-nos mais acertada a uniformização pelo uso da forma predominante. A pontuação, desde que não significasse mudança estilística relevante, foi igualmente atualizada; entretanto, foi mantida, quando reiterada no texto como traço típico da época. É o que se vê no caso da conjunção *e*, frequentemente precedida de vírgula, bem como das orações restritivas, com pontuação semelhante à das explicativas.

Na edição do bicentenário de *Marília de Dirceu* (1992), optamos por manter a ordem tradicional dos poemas, diferentemente de Rodrigues Lapa, que, em sua edição de 1957, preferiu dar a estas composições uma seqüência supostamente cronológica, a nosso ver altamente subjetiva. Por sua vez, o extenso material levantado e reunido da produção poética de Cláudio Manuel da Costa exigiu nova organização na edição de 1996. Julgamos pertinente ordenar este material, obedecendo, na medida do possível, o seguinte critério: primeiramente aí figuram as obras editadas e divulgadas em livro, ou seja, *Obras*, *O Parnaso obsequioso* e *Obras poéticas*, *Vila Rica*; a seguir vêm as obras editadas em opúsculos e pouco ou nada conhecidas, isto é, o *Culto métrico*, o *Munúsculo métrico*, o *Epicédio*; finalmente, seguem-se as composições inéditas, divulgadas parcial ou esparsamente, como é o caso dos sonetos riscados das *Obras* e o conjunto das *Poesias manuscritas*, só em parte reproduzido por João Ribeiro em sua edição (1903).

Comprovando uma vez mais que não existem edições definitivas, a localização de novos testemunhos deverá levar a uma outra edição de *Marília de Dirceu*, possivelmente mais acertada do que as anteriores, assim como, no caso de Cláudio Manuel da Costa, a uma nova concepção de “poesia completa”. Estudos mais precisos poderão justificar a exclusão de poemas de edições já consagradas pela tradição, ou da manutenção dos mesmos em novas edições da obra dos poetas aqui focalizados, obra esta que, ainda hoje, continua instigando a curiosidade e a argúcia dos editores críticos.